

DF. Brasília

## Asas e Eixos

Cidade que nasceu de um traço. Aquele abraço. Cidade de muitas trilhas e maiores armadilhas. Bom dia, Brasília. À beira dos quarenta, você ainda tenta, tenta. Cidade que escapou do açoite. Boa noite.

Cidade do eterno recomeço. Nosso apreço. Terra da promessa ameaçada pela guerra da promessa. Escreve hoje outra história.

Cidade em que um faz, outro desfaz e vem mais um que refaz, depois cai e novamente outro desfaz. Mas levanta. Seu caminho se define para quem se lança.

Nem sempre todos alcançam, mas só o tentar já é um passo anunciador da nova aliança. A cidade cresce e acontece pela fibra dos que nela permanecem. Ensina enquanto aprende. Tece a partir dos próprios erros, quedas e dores. Brasília sem perder o fio da sua utopia.

Nós desatamos seus nós. Cidade ao mesmo tempo soma e pedaço de nós.

Chega aos 39 anos entre a tradição e a ruptura. Vai construindo sua, nossa, história cidadã e deixa

piadas e deboches insistentes que ainda a querem burocrata, covil, fria, antro, patética, corja, crua, simulacro do país decadente. Brasília tem a obrigação de um viver diferente. Civil sim. Servil nunca.

Ginga contra as gangues. Dribla a infâmia e desvia dos abismos. Na contramão dos mandantes, tenta enaltecer o capaz enquanto escapa da violência capataz.

Cidade entre a estupidez das botas, a maledicência dos boatos, a credulidade dos beatos enquanto une sentimento à cabeça para anular a cobiça. Brasília não é caso de polícia.

Ainda em crise de identidade ela não se preparou para ser grande nem deixou de ser íntima. Deformada, maltratada, invadida, depravada e sitiada por um futuro incerto. Brasília contar consigo mesma para encontrar possíveis saídas.

A odisséia dos pioneiros fechou um ciclo de suor e aventura. Pó e poesia. Antes heróis operários, depois anônimos segregados.

Cidade de um Plano que clama por muito mais Pilotos. Mais autores, sujeitos comprometidos com

a cidade, e menos autoridades falando no vácuo corporativo dos próprios interesses. Mais política e menos politicagem. Mais visão e menos visagem.

Uma cidade mais solidária onde o espírito público não seja só jogada de marketing, programa de governo ou bandeira de partido, mas vínculo traduzido todos os dias.

Satélites de elites. Um céu que nos faz navegar em pleno sertão com 360 graus de luz calcinando a hipocrisia. Transparência em uma cidade com tamanho sol cortante tem que ser natural. É ciclo biológico. É coisa da terra.

Asas e eixos, como o próprio sinal da crise, quando o Brasil urbano ainda não se conciliou com o Brasil rural. Onde o Brasil das fortunas ainda não libertou o Brasil dos guetos. Brasília é só um ponto nesta interrogação.

Colagem das colagens de tantos povos nesta maquete de luz e sonho alerta contra os passageiros pesadelos. Afinal, a cidade que nasceu de um sonho tem o compromisso de fazer da realidade um sonho ainda mais bonito.